

Altered Carbon: ressignificando Poe em tempos de Inteligência Artificial

Altered Carbon: Reinterpreting Poe in the Age of Artificial Intelligence

Telma Elita Juliano Valente (UFES)

Resumo: Trata-se de uma análise da primeira temporada da série de ficção científica *Altered Carbon*, a partir da personagem Poe, uma IA gerente do Hotel Raven. Pretende-se verificar as similaridades entre essa personagem e o escritor Edgar Allan Poe, particularmente seus contos de suspense e horror - considerando-se a simbiose existente entre autor e obra - dentre outras referências literárias e estéticas. Adicionalmente, o estudo põe em evidência o conceito de Transhumanismo, através das discussões sobre a temática central da série: a imortalidade digital. Para isso, será aplicado o conceito de Tradução Intersemiótica - tradução que se faz por meio de linguagens ou sistemas de signos diferentes, na interpretação de signos verbais por meios não verbais ou de um sistema de signos para outro (JAKOBSON, 1969). Conclui-se com o estudo que a tradução intersemiótica da obra de Poe prova a perenidade de seu legado.

Palavras-chave: série; inteligência; artificial; intersemiótica; Poe.

Abstract: *This is an analysis of the first season of the science fiction series *Altered Carbon*, focusing on the character Poe, an AI manager of the Raven Hotel. The aim is to verify the similarities between this character and the writer Edgar Allan Poe, particularly his suspense and horror stories – considering the existing symbiosis between author and work – among other literary and aesthetic references. Additionally, the study highlights the concept of Transhumanism through discussions on the series' central theme: digital immortality. To this end, the concept of Intersemiotic Translation will be applied – translation that occurs through different languages or sign systems, in the interpretation of verbal signs by non-verbal means or from one sign system to another (JAKOBSON, 1969). The study concludes that the intersemiotic translation of Poe's work proves the enduring nature of his legacy.*

Keywords: *series; intelligence; artificial; intersemiotics; Poe.*

Introdução

As ficções científicas, ao longo da história, têm apresentado visões apocalíticas de um futuro distante. Contudo, essas diegeses têm como temas subjacentes, na verdade, questões da contemporaneidade. Com isso, essas obras ganham um verniz premonitório. Neste sentido, tem sido prática corrente a adaptação de autores clássicos para a linguagem audiovisual. Exemplo mais recente é o filme *Frankenstein* (2025), de Guillermo del Toro, baseado no livro homônimo (1818), de Mary Shelley. Um recuo no tempo revela outros filmes que seguiram essa linha, como o emblemático *Blade Runner* (1982).

Contudo, não foi apenas o cinema que se debruçou sobre esses autores. A produção televisiva seriada tem seguido esse caminho e, com isso, vem atualizando e ressignificando os cânones literários. Um exemplo disso é a série *Altered Carbon* (2018-2020). Esta produção baseia-se no livro homônimo de Richard K Morgan (2002), que retrata um futuro distópico.

A série foi uma criação da autora Laeta Kalogridis, cuja primeira temporada teve início em fevereiro de 2018, com 10 episódios. Exibida pela plataforma Netflix, teve uma segunda temporada, cujo lançamento ocorreu em julho de 2018. No ano de 2020 a série foi cancelada.

A peculiaridade dessa produção é que ela insere na narrativa a personagem IA Poe, gerente do Hotel *Raven*, numa clara mimetização do autor “romântico” do século XIX Edgar Allan Poe (1809-1849). Mas, mais do que homenagear o autor, a série reconfigura suas principais temáticas, bem como a personalidade do autor oitocentista, num cenário distópico *cyberpunk*. Essa escolha mostra-se adequada para discutir a condição humana na era da reprodutibilidade técnica da consciência.

Em *Altered Carbon* a humanidade alcança a possibilidade da imortalidade digital, através de um mecanismo de transferência da consciência para outros corpos (ou capas). No entanto, tamanho progresso tecnológico não foi acompanhado de um aprimoramento moral. O resultado é uma sociedade do século XXV, que reproduz o contexto de desigualdades e exploração da atualidade. Nesse cenário, a IA Poe apresenta-se como um contraponto a esse universo tecnológico, resgatando o senso de humanidade que a sociedade havia perdido.

O objetivo deste estudo é verificar como se deu a tradução intersemiótica da obra do escritor Edgar Allan Poe para a linguagem televisiva - através da identificação, nos episódios da série, das diversas referências às temáticas abordadas em seus contos - mas, principalmente, na personificação do autor na personagem IA Poe. Adicionalmente, almeja-se discutir alguns aspectos do conceito de Transhumanismo, a partir da temática central da narrativa, que é a imortalidade digital alcançada pela sociedade do século XXV, devido ao grande desenvolvimento tecnológico.

Como aportes teóricos dessa análise foram usados os textos de Jakobson (1969), bem como sua complementação em Plaza (2001), ancorada na Semiótica de

Peirce, e Kellner (2001). Ressalta-se que a análise considerará alguns elementos, tais como cenários, elementos de cena (*props*), citações literárias da personagem, entre outros. Com isso, pretende-se demonstrar que há uma intersecção entre um autor do século XIX — ignorado e relegado quase ao ostracismo no seu tempo - com as mídias da contemporaneidade - num processo de atualização e ressignificação de suas obras para a linguagem televisiva. Adicionalmente, pretende-se demonstrar que a referência à obra de Poe está presente não somente por intermédio do personagem IA Poe, mas, principalmente, através das reflexões que a série suscita, as quais entram em diálogo com as mazelas do espírito apontadas pelo autor.

Além disso, a estética sombria e o tom melancólico adotados na produção possuem semelhanças com os cenários e a ambiência descritos nos contos do autor aclamado como mestre do horror. Vale ressaltar, que este estudo se configura como um desdobramento de pesquisas anteriores desenvolvidas sobre as traduções intersemióticas da obra de Edgar Allan Poe para a linguagem dos quadrinhos e que poderá, neste momento, instaurar um diálogo com novos interlocutores.

***Altered Carbon*: primeiro arco narrativo**

O mundo distópico retratado pela série *Altered Carbon*, uma ficção científica *noir*, apresenta-nos um futuro marcado por questões muito contemporâneas, como a desigualdade social, os conflitos éticos produzidos pela evolução tecnológica, a responsabilidade científica, a busca pela construção da identidade, entre outros. A esse respeito, Silva e Hoff (2022, p. 95) destacam:

A distopia ficcional audiovisual, mais do que mero entretenimento, carrega em seus discursos as marcas de um tempo, manifestadas pelos medos e inseguranças abordadas nas obras. Os produtos audiovisuais suscitam a reflexão sobre a realidade em que vive o espectador, não apenas pelos sentidos de real e realidade [...], mas pela capacidade de acionar afetos e mobilizar argumentos em torno de questões (...)

Distopia e transhumanismo em *Altered Carbon*

A narrativa desenrola-se num futuro longínquo, especificamente, em 2384. O ex-soldado de elite Takeshi Kovacs é retirado da prisão pelo milionário centenário Laurens Bancroft para realizar uma missão. Kovacs foi o único sobrevivente do grupo dos Emissários, rebeldes que lutavam contra a nova ordem mundial. Sua consciência, congelada por 250 anos, foi transferida para um novo corpo (ou capa), a do detetive Elias Ryker, na prisão de Bay City, San Francisco. Laurens oferece a Kovacs uma nova chance de vida, caso ele aceite o caso, e descubra quem o matou.

Esse acontecimento dá início ao primeiro arco narrativo da série. Os corpos tornaram-se, assim, apenas artefatos ou invólucros para uma espécie de “essência”

humana, armazenada digitalmente ou, em última instância, um acoplamento definitivo (SIMONDON, 2007 *apud* SILVA; HOFF, 2022, p.104). Essa criação da autora Laeta Kalogridis, cuja primeira temporada teve início em fevereiro de 2018, com 10 episódios, foi baseada no livro homônimo, de 2002, do escritor Richard K. Morgan. A série teve uma segunda temporada, cujo lançamento ocorreu em julho de 2018, com ambas as temporadas exibidas pela Plataforma Netflix. No ano de 2020 a série foi cancelada.

A narrativa insere-se no gênero *Cyberpunk*, cujas raízes remontam às obras de Philip K. Dick, e se consolidou visualmente nos anos 80 com o filme *Blade Runner* (1982). Na literatura, o gênero também foi popularizado pelo romance *Neuromancer* (1984), de William Gibson. Percebe-se, com isso, que *Altered Carbon* é uma obra, cuja construção é permeada por elementos intertextuais.¹

Esse componente teórico se somará aos demais aportes que serão abordados nesse estudo. Ressalta-se que trata-se da definição proposta por Kellner (2001). Segundo o autor: “(...) Como gênero, o *Cyberpunk* pode ser visto como sistemas de advertência, como narrativas moralizadoras e acauteladoras, a nos avisarem sobre os desenvolvimentos futuros, quando não haverá futuro controlável pelo ser humano em atendimento aos seus objetivos (...)” (Kellner, 2001, p. 382).

A temática central que estrutura a narrativa é a imortalidade digital. Esta é alcançada por meio de uma tecnologia, que permite transferir consciência, memórias e personalidade para um dispositivo, *stack ou pilha cortical*, uma espécie de disco, que é introduzido entre as vértebras, na parte posterior do pescoço, geralmente na infância. Dessa forma, quando o corpo morre, o *stack* é transferido para outro recipiente, as *capas*, corpos usados ou novos, *ad infinitum*. Contudo, a destruição do *stack* implica a morte definitiva do indivíduo. Por isso, outra possibilidade ainda mais sofisticada, e segura, é armazenar o conteúdo de um *stack* remotamente, por satélite. No entanto, a imortalidade digital de alta qualidade é privilégio de uma elite.

A série apresenta uma sociedade de classes semelhante, em muitos aspectos, ao contexto de desigualdades, exploração e decadência vivida nas metrópoles do século XXI. Apenas a classe mais abastada tem condições de adquirir as *capas* (corpos novos) de primeira linha, bem como seus *back ups* em bases remotas. Resta aos demais, corpos usados e avariados. Desse modo, o traço social distintivo passa a ser representado por objetos de desejo de caráter existencial.

A imortalidade, como abordada nos 10 episódios da primeira temporada da série, enseja questões muito presentes na obra do autor, poeta e crítico Edgar Allan Poe

1 Intertextualidade: segundo o E-Dicionário de Termos Literários, “(...) intertextualidade significa relação entre textos. Considerando-se texto, num sentido lato, como um recorte significativo feito no processo ininterrupto de semiose cultural, isto é, na ampla rede de significações dos bens culturais, pode-se afirmar que a intertextualidade é inerente à produção humana (...)”. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade>. Acesso em: 10 jan. 2026.

(1809-1849). Entre os temas abordados por ele destacam-se: os meandros da mente humana, dilemas morais, propósito de vida, identidade, entre outros.

Na narrativa televisiva, ao perpetuar a vida em outro corpo, transferem-se também memórias (que podem ser editadas) das várias existências e personalidades. Esse processo gera distorção da realidade e confusão mental. Percebe-se com isso, que a fragmentação e portabilidade da consciência remetem, assim, ao conto *William Wilson* (1839), do autor oitocentista.

Trata-se de uma narrativa com contornos sobrenaturais, na qual, na verdade, Poe discute aspectos da psiquê humana, como o conceito de duplo. A história apresenta a personagem William Wilson, que encontra um sócio na infância, que passa a acompanhá-lo e atormentá-lo durante toda a vida. A convivência insustentável com o “outro” leva o protagonista a matá-lo para descobrir, ao final, que desferiu seu golpe fatal contra si mesmo. Tal qual o personagem homônimo do conto - que tenta fugir de si mesmo - o protagonista Kovacs vive a angústia das reminiscências de suas múltiplas versões. Portanto, na leitura intersemiótica desse recorte, identifica-se uma relação indicial entre a espinha dorsal da série e esse conto de Poe.

Tradução intersemiótica: da pena ao pixel

Convém esclarecer que o referencial teórico de análise deste estudo é o conceito de Tradução Intersemiótica, ou seja, transmutação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não verbais (Jakobson, 2007, p. 64-65). Adicionalmente, temos a complementação conceitual dada por Plaza:

O autor define, inspirado na tricotomia da relação entre representâmen e objeto, as possibilidades de tradução: icônica, indicial e simbólica. A icônica – ou transcrição – se baseia na similaridade de estrutura, produzindo significados sob a forma de qualidades e de aparências, aumentando a taxa de informação estética. A indicial – ou transposição – se funda no contato entre original e tradução em um sentido de continuidade, por uma mudança do meio, numa relação de causa e efeito. Já a simbólica – ou transcodificação – opera de forma convencional. (Plaza apud Abda; Braida; Ponte, 2009, p. 2001).

A separação entre corpo (matéria orgânica) e mente (pilha cortical) reacende a questão sobre o que constitui o humano ou a alma humana. De que é composta sua identidade? A obra de Poe ilumina essa discussão com vários desdobramentos éticos.

Em *O poço e o pêndulo* (1842), as torturas físicas e psicológicas em um prisioneiro da Inquisição evidenciam o caráter sádico do homem, algo replicado na série, especialmente na cena de tortura na Clínica Wei (Episódio 4 – *Força do Mal – Force of Evil*). Já em *O gato preto* (1843), a transformação do homem dócil no ser monstruoso e perverso apontam para os limites tênues da personalidade. Ademais, culpa e o medo do retorno do gato morto, que atormentam o

protagonista do conto, alinham-se aos fantasmas do passado, que assombram Kovacs e Bancroft. No conto *O barril de amontilado* (1846), uma mente fria e calculista elabora e executa uma vingança desprovida de qualquer culpa. A frase “(...) ninguém me fere impunemente (...)”, dita no conto por Montessor, ressoa no sentimento de vingança de Kovacs e *Enviados* (soldados rebeldes) contra o sistema de privilégios dos *meths*. Estes são apenas alguns exemplos, entre muitos presentes na obra poeana, para cotejar com os episódios da série, que denotam uma relação indicial com ela.

Adicionalmente, Silva e Hoff (2022, p.105), em sua análise sobre a série, acrescentam um paralelo com o conceito de Pós-humanismo, que dialoga com o âmagô da obra de Poe:

(...) É interessante notar que a série reflete, igualmente, sobre outra perspectiva do pós-humanismo. Ora, se alcançamos o progresso científico, a realização de nossos desejos e a transcendência da carne ao fazer um uso desprendido da razão, quando o “pós” do pós-humanismo se torna o aqui e o agora, é de se imaginar, também, que as características desse “humano” aspectos morais, sociais, políticos e econômicos - serão projetados em alguma medida nesse novo mundo. E talvez aspectos não tão virtuosos quanto aqueles prometidos pelo avanço tecnológico (...).

No transcorrer da narrativa, novos desdobramentos da imortalidade digital se apresentam. No terceiro episódio da Primeira Temporada, intitulado *No silêncio da noite (In a Lonely Place)*, destaca-se a luta entre um casal numa arena antigravidade num duelo até a morte. Como prêmio ao vencedor, um *upgrade* de sua capa (um corpo novo de primeira linha) e vida melhor para os filhos. Meio de ascensão social de uns, entretenimento brutal da elite.

O combate ocorre numa noite festiva para muitos convidados do bilionário centenário Laurens Bancroft. Acostumada com esse tipo de espetáculo, a plateia vibra com os golpes e anseia pelo ato final (morte de verdade). Não há espaço para empatia. O tédio provocado pela imortalidade autoriza a banalização da existência. O valor dado à vida, assim como à espiritualidade, é relativizado. A busca pelo prazer e o resgate de emoções justifica as ações, culminando na ascensão de uma sociedade hedonista e depravada.

Nesse ponto, a narrativa entra em diálogo com o conto *O demônio da perversidade* (1845), o qual questiona a natureza racional do ser humano e aponta para um impulso primitivo e prazeroso pela destruição da espécie. No conto, assim como no episódio citado acima, evidencia-se que a perversidade humana não tem limites. Da mesma forma que o narrador poeano confessa que matou pelo simples prazer de matar, mesmo sabendo que não deveria fazê-lo, os convidados de Bancroft se refestelam com a morte iminente de um dos cônjuges. Estabelece-se, assim, uma relação de contiguidade (ou indicial) entre conto e série. Os momentos descritos da série evocam a atmosfera macabra do conto de Poe.

Altered Carbon apresenta uma atmosfera lúgubre. A narrativa transcorre, na maioria das vezes, no período noturno, sob chuva constante, intercalado com *flashes* de luz neon vermelha, azul ou verde. Essas características apontam para uma referência estilística, a estética *technoir*: “(...) A estética *noir*, por sua vez, é caracterizada pela iluminação artificial, não apenas nas sequências noturnas, e uma fotografia constantemente contrastada, enfocando a construção de sombras e a claustrofobia dos interiores, como se o teto oprimisse as personagens (...)” (Lira, 2008 *apud* Filho; Lima, 2022, p.6).

Mais do que um uso estético, a ambientação sombria possui uma leitura simbólica, que identifica o contraste social na série. Ela representa o mundo que é acessado pela maioria da população, que não tem dinheiro para morar nos edifícios acima das nuvens. Em seus palácios nas alturas vivem os *meths* - apelidados de matusas em referência à figura bíblica centenária de Matusalém - pessoas extremamente ricas, que têm acesso à luz do sol e céu azul. Elas vivem distantes e alienadas do “povo abaixo”. Os *grounders* são os habitantes do chão, que não possuem recursos para comprar capas de alta qualidade. Esse nível inferior da cidade é a representação da megalópole claustrofóbica. A atmosfera esfumaçada é rompida com anúncios 3 D e painéis holográficos, que poluem a atmosfera. A referência à *Blade Runner* (1982) é evidente (Grouchnikov, 2020). A claridade virou *commodity*.

O duplo de Poe: a IA e o escritor

Para além das correspondências que podem ser feitas entre os episódios da série e a obra de Edgar Allan Poe, na produção televisiva há uma referência explícita ao autor com a criação da personagem Poe, uma Inteligência Artificial (IA), que é gerente do Hotel *Raven* - outra menção ao autor -, que publicou o poema *The Raven* (1845).

No livro homônimo, de autoria de Richard K. Morgan, a personagem IA tem como referência o guitarrista Jimi Hendrix. O Hotel *Hendrix*, um dos cenários do livros – evidencia essa diferença. A troca observada na ficção audiovisual ocorreu devido aos problemas enfrentados para obter os direitos de imagem do espólio do artista, que não autorizava que sua imagem fosse associada a conteúdos violentos (Turchiano, 2018). A substituição do artista pelo autor oitocentista, contudo, foi bem aceita pelo autor do livro e pelos fãs.

Edgar Allan Poe teve uma vida bastante conturbada e cercada por muitas mortes de entes queridos, perdas que vão se refletir depois nas temáticas de sua obra. O autor rompeu com antigas tradições românticas baseadas num fazer literário amparado em motivações pessoais, emocionais ou subjetivas. A essa produção, contrapôs uma literatura baseada na racionalidade, mesmo que esta expressasse a ambivalência humana. Dessa forma, embora tenha sido enquadrado pela historiografia como um escritor do Romantismo, nunca

aderiu totalmente a este movimento. O método de escrita desenvolvido por Poe influenciou autores e teóricos da posteridade, além de uma legião de leitores admiradores, que o consideram o “mestre do horror”. Mas ele também foi o criador do conto detectivesco, influenciando Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, e do conto satírico grotesco (Valente, 2021).

A troca de Hendrix por Poe mostra-se acertada e alinhada ao teor da série quando pensada à luz da personalidade e da obra do autor. “(...) Nos contos, os mistérios que engendram a existência e as relações humanas são, logicamente, expostos por meio de situações deflagradoras da psique humana e das condutas sociais, reveladoras de padrões e comportamentais mentais do sujeito (...)” (MACHADO, 2021, p. 435). Ademais, o autor foi buscar no gótico os ingredientes de que necessitava para constituir seu *modus operandi*. Isso se traduziu em conteúdos mórbidos, trágicos ou sobrenaturais. O gótico foi um fator de grande relevância nas estratégias formuladas por Poe para obtenção de impressões subjetivas, como o medo, de modo que este soasse tão “real” quanto possível e gerasse, no leitor, uma identificação com o que estava sendo narrado. A série atualiza o gótico de Poe para o contexto *cyberpunk* através do Transhumanismo. Toda sorte de declínio moral e social que reside na natureza humana, matéria-prima da obra de Poe -é acentuada pela possibilidade da imortalidade digital.

(...) O desejo humano pela imortalidade, por mais otimista que seja, pode potencialmente levar a uma distopia de extrema divisão de classes e distribuição desigual de poder. Toda a ideia distópica dessa divisão mente-corpo, como mostrado em *Altered Carbon*, também repensa o conceito de transhumanismo e seus avanços. Questiona se realmente precisamos daquilo que amamos. O transhumanismo representa um salto em direção ao aprimoramento da humanidade ou, ao contrário, um retrocesso? Pode-se inferir da análise que os humanos, na busca por maior valor próprio através da imortalidade, ironicamente acabam por destruir a própria ideia original de “ser humano (...)” (Kamboj, 2024, p.1486, tradução nossa).²

A construção da personagem IA Poe, bem como do seu *habitat*, rompe com a estética visual futurista da série, tanto em relação ao mundo dos *meths*, quanto dos *grounders*. O hotel *Raven* - no qual se passam alguns dos principais confrontos da primeira temporada – não é apenas um cenário, no qual a IA é gerente. É um refúgio de um tempo distante. Sua ambientação segue com muita

2 No original: “(...) The human desire for immortality, no matter how optimistically aimed it may be, can potentially lead to a dystopia of extreme class divide and uneven power distribution. The whole dystopian idea of this mind-body divide as shown in *Altered Carbon* also rethinks the idea of Transhumanism and its advancements. It questions if we really need what we are aiming for? Is Transhumanism a leap towards the betterment of humans or rather away from it. One can infer from the analysis that humans, in order to bring more value to themselves by attaining immortality, ironically only end up ruining the original idea of ‘being a human (...)’”

fidelidade o estilo vitoriano, seja nos móveis de madeira escura, nas poltronas vermelhas clássicas, nos lustres luxuosos. Há vários objetos de cena que remetem aos contos do autor, como corvos empalhados, livros antigos empoeirados. Sua iluminação assemelha-se à luz de velas, gerando sombras marcadas e um clima de mistério. Em síntese, na profusão do seu interior rebuscado, com várias camadas de sofisticação, espelha-se o autor “romântico”.

A referência ao poema *The Raven* (1845), ainda, aproxima a angústia da perda do ente querido da personagem literária com solidão do hotel do século XXV. Ele apresenta-se quase sempre vazio e silencioso, exceto pelo novo hóspede – Takeshi Kovacs – habitado por personalidades holográficas de pessoas que não existem mais. Tal qual o poema, o hotel reflete a melancolia no autor e em sua obra.

A série personifica o autor, o qual a máquina “encarna”. Ela emula a figura de Poe de forma icônica. Sua aparência aproxima-se das imagens popularizadas do escritor, desde seu bigode, terno em estilo vitoriano, até seu semblante melancólico. Seu raciocínio lógico também compõe o avatar transparecendo nas estratégias engendradas por ele para os ataques de Kovacs, com quem estabelece uma parceria sólida. Seu comportamento é calculado e detalhista.

Poe devotou grande parte da sua obra ao escrutínio da alma humana. Intrigava-lhe, ainda, os limites entre vida e morte. No conto *Os fatos no caso de M. Valdemar* (1845), o escritor relata um caso de Eqm (Experiência de quase morte) de um paciente, que é mantido entre a vida e a morte por meio de hipnose. Também em *O enterro prematuro* (1844), a narrativa aborda o horror psicológico de ser enterrado vivo. De forma análoga, a IA tem um interesse obsessivo pelo homem e sua psiquê. Ela estuda seu comportamento e o que pode definir o que é ser humano. Tamanho interesse sela um vínculo com o personagem Kovacs, cuja missão a IA Poe empenha-se em concretizar. Dessa forma, o humanismo do Poe autor, manifesta-se no seu avatar futurista.

A tradução intersemiótica do autor do século XIX na configuração do seu avatar cibernético também pode ser observada no nível da linguagem verbal oral. Mais do que na linguagem formal e arcaica da personagem, em vários momentos da primeira temporada a IA Poe recita trechos de poemas ou de contos do escritor. Seguem alguns exemplos disso.

No Episódio 10 (*Os Assassinos / The Killers*) a IA está “morrendo” vítima de um vírus digital quando tentava proteger as personagens Lizzie e Kawahara. Então, suas últimas palavras são de um trecho do poema *Annabel Lee* (Poe, [1849] 2012):

(...) And neither the angels in heaven above,
Nor the demons down under the sea,
Can ever dissever my soul from the soul
Of the beautiful Annabel Lee (...).
(...) E nem os anjos do céu lá em cima,

Nem demônios debaixo do mar
Poderão separar a minha alma da alma
Da linda que eu soube amar (...)

Outra ocorrência pode ser vista no Episódio 1 (*Saído do Passado / Out of the Past*) quando Takeshi Kovacs chega ao hotel *Raven* e é recebido pelo gerente Poe. Este o saúda com a expressão: “(...) *Quoth the Raven, “Nevermore”* (...)”. “(...) E o corvo disse; «Nunca mais.» (...)”

O final da primeira temporada acontece - como havia de se esperar de uma série que adota um autor “romântico” - com a “morte” heróica da IA Poe. A cena derradeira tem tons poéticos com os versos de Annabel Lee, conforme já mencionado. Poe morre ao defender humanos, que foram sua fonte de obsessão durante a série. Ele desenvolve sentimentos de afeto, devoção e responsabilidade pelos protagonistas. Durante a primeira temporada a personagem (representado pelo ator Chris Conner) é tão convincente, que provoca a empatia dos fãs. Por essa razão, os produtores da série “ressucitam” Poe na segunda temporada (alerta de *spoiler*). Mas, há de ressaltar o significado simbólico dessa morte. O sacrifício do avatar inverte os papéis representados na relação homem-máquina. O final trágico do avatar de Poe demonstra, ironicamente, que o resgate do senso de humanidade é efetivado pela IA, enquanto os seres humanos se distanciam da sua essência. a partir do momento no qual a morte pode ser contornada.

Considerações finais

Este artigo é um texto analítico dos 10 episódios da primeira temporada da série *Altered Carbon*, uma criação da autora Laeta Kalogridis, exibida pela plataforma Netflix durante o ano de 2018. A série é baseada no livro homônimo do autor Richard K Morgan, publicado no ano de 2002, que apresenta um cenário futurista distópico. O objetivo do estudo foi verificar como se deu a tradução intersemiótica da obra do autor oitocentista Edgar Allan Poe (1809-1849) para a linguagem televisiva - através das diversas referências às temáticas abordadas em seus contos - identificadas nos episódios da série - mas, principalmente, na personificação do autor na personagem IA Poe, gerente do Hotel *Raven*. Adicionalmente, discutiu-se alguns aspectos do conceito de Transhumanismo, a partir da temática central da diegese, que é a imortalidade digital alcançada pela sociedade do século XXV, devido ao grande desenvolvimento tecnológico.

Como aportes teóricos dessa análise foram usados os textos de Jakobson (1969), bem como sua complementação em Plaza (2001), ancorada na Semiótica de Peirce, e Kellner (2001).

Como resultados, compreendeu-se que a série transmuta a “alma da escrita poeana” - compreendida pela atmosfera saturada de sua narrativa, sentimento macabro onipresente, perturbações mentais, sadismo como conduta - em

vários episódios, que a replicam de forma indicial. A série realiza, ainda, uma atualização da utilização do gótico em Poe – traço característico de sua obra – para um contexto futurista *cyberpunk* de decadência e degeneração humanas.

Como evidência da tradução intersemiótica, contudo, destaca-se a personificação do autor do século XIX na IA Poe, gerente do Hotel *Raven*. A caracterização da personagem (vivida pelo ator Chris Conner) representa de forma icônica a figura do escritor “romântico”. Sua compleição física, suas feições e indumentária, bem como seu ar melancólico; sua linguagem formal e arcaica, até mesmo algumas de suas citações foram incorporadas pela produção audiovisual. Ademais, o hotel que a IA gerencia é outra mostra da tradução intersemiótica observada na série. O design de produção aplicado nessa locação cria um recorte do século XIX, que pode ser identificado pela sua ambiência, de forma indicial. Contudo, o hotel *Raven*, que é o nome de um dos poemas mais famosos de Poe, traduz, ainda, traços de sua personalidade solitária, bem como o ostracismo que o autor sofreu em sua época.

Concluimos esse estudo apontado para a perenidade da obra de Poe, que se mantém viva decorridos 177 anos de sua morte. O principal fator que perpetuou seu legado foi a escolha da psique humana como território rico em possibilidade de exploração, especialmente sua degradação. O escrutínio desses meandros revelou o lado mais sombrio e decadente da existência, fonte inesgotável para adaptações em diversos formatos e linguagens. A série espelha essa seara poeana e confirma o descrédito de Poe na humanidade. Ela demonstra como, apesar do grande desenvolvimento tecnológico alcançado pelo homem, este não foi acompanhado de um aprimoramento moral, resultando na continuidade das mazelas sociais observadas na atualidade, dentro de um contexto Transhumanista, a partir da possibilidade da imortalidade digital. Por fim, a narrativa televisiva apresenta, ironicamente, a desumanização do homem, devido aos seus avanços tecnológicos, e como contraponto, o resgate do senso de humanidade ao mimetizar um autor romântico oitocentista numa IA, que provoca a empatia do público.

Convém ressaltar, porém, que *Altered Carbon* teve sua primeira temporada exibida em 2018, portanto, antes da pandemia e da virtualização acelerada da vida causada por essa emergência sanitária. Atualmente, já são anunciadas, como possibilidades promissoras, a vida em outro planeta, a extensão da vida por meio de experimentos genéticos, a robotização do humano através de próteses, quando considerados os avanços científicos e tecnológicos em curso. Nesse ponto, a ficção científica aproxima-se da vida real e faz refletir, como advertência premonitória, sobre o que está por vir.

Referências

ALTERED CARBON. Criada por Laeta Kalogridis. 1. temporada. Los Gatos: Netflix, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: jan. 2026.

BRAIDA, Frederico; ABAD, Gisela; PONTE, Raquel. Os sistemas híbridos do Design: despertando os sentidos. In: Congresso Internacional de Pesquisa em Design (CIPED), 5., 2009, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: PPGDesign/FAAC, Universidade Estadual Paulista, 2009. p. 2197-2204.

FILHO, Oliveira D. E.; LIMA, A. B. A “profecia cyberpunk”: da tecnomodernidade distópica ao humano-máquina do século XXI.

Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 42, p. 1-12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003241107>.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

KAMBOJ, Lakshay Kumar. Altered Distinction: a critical study of the mind and the body in the case of *Altered Carbon*. **ShodhKosh: Journal of Visual and Performing Arts**, v. 5, n. 1, p. 1484-1487, jan./jun. 2024.

KELLNER, Douglas. Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk. In: KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

MACHADO, Karina Torres. [Título do trabalho]. In: Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ e Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos, 2021. **Anais [...]**, v. 1, p. 435-449, 2021.

POE, Edgar Allan. Annabel Lee. Disponível em: <https://fkxexplica.wordpress.com/2012/10/31/annabel-lee-poema-de-edgar-allan-poe-traduzido-por-fernando-pessoa/>. Acesso em: jan. 2026.

POE, Edgar Allan. O Corvo. Disponível em: <https://bilinguator.com/en/online?book=8249>. Acesso em: jan. 2026.

POE, Edgar Allan. O barril de amontillado. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico: Edgar Allan Poe**. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. O demônio da perversidade. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. O enterro prematuro. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. Os fatos no caso do Sr. Valdemar. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. O poço e o pêndulo. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

POE, Edgar Allan. William Wilson. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: Edgar Allan Poe. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

SILVA, Júlia Maria Barroso da; HOFF, Rafael Sbeghen. Distopias em séries ficcionais: estudo de caso sobre *3%*, *Altered Carbon* e *Black Mirror*. In: Confluências, 9., 2022, Belém. **Anais [...]: Transversalizar**. Organização de Analaura Corradi e Douglas Junio Fernandes Assumpção. Belém: Universidade do Amazonas, 2022.

VALENTE, Telma E. J. **Tradução intersemiótica**: de Poe, Peirce e quadrinhos, um diálogo possível. Trabalho apresentado durante estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

INTERTEXTUALIDADE. In: **Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade>. Acesso em: jan. 2026.

WHY “ALTERED CARBON” boss replaced Hendrix with Poe for Netflix adaptation. **Variety**, 2018. Disponível em: <https://variety.com/2018/tv/features/altered-carbon-laeta-kalogridis-adaptation-edgar-allan-poe-interview-1202830788/>. Acesso em: jan. 2026.

Telma Elita Juliano Valente

Pós-Doutorado em Comunicação e Territorialidades (POSCOM UFES - 2021). Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Mestrado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1989). Atualmente é professora associada, no curso de Design, no Departamento de Design da Universidade Federal do Espírito Santo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4202486740653920>.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7909-4055>.